



Gaiacito



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Direcção, Administração e Propriedade: Casa do Galo do Porto—Povo de Deus
Vales do Corrello para Cete—Preço 1000

PIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares R. Santa Catarina, 628-Porto
Visado pela Comissão de Censura

A CAMINHO DE LISBOA

COMO quer que eu tivesse perdido a senha do jantar que um senhor do Porto me oferece por devoção, merquei tangerinas e com elas fiz o repasto, na hora em que todos foram comer. Todos não. Ficou uma senhora no compartimento mais eu. Abri o cartuxo. Ofereci. Recusou, gentil. Não poderia comer. Como, se ela ia rigorosamente encastoadada, segundo as normas do instituto de beleza?! Não podia não senhor.

Outra vez à tabela. Ótimo. Era meia noite e eu já recolhido,—hora em que Lisboa começa...! São os da estrada larga! Procuram, procuram, e não encontram!

Manhãzinha, ao preparar-me para os trabalhos, olho não sei que a respeito de ministros. Sobre a mesa do hotel, estão os jornais do dia e neles muitos retratos. Olhei. Era o cartaz. Tinha havido ontem à tarde mudança de Ministros. Eu que justamente saíra de casa com trez recados para três d'Elles, vejo num instante os meus passos perdidos! Soltei um ai e deixei-me ficar no hotel a fazer tempo. Havia ao meio dia, em S. Luiz, um serviço religioso, pelos que perderam a vida no desastre de Sintra. Rezei pelos mortos. Estamos no ciclo das mortes imprevistas, a pior das mortes! Quando eu era pequenino, rezava-se, em família, pelos que andam sobre as águas do mar e ainda hoje, nas famílias cristãs. Então grandes perigos, porque barcos à vela. Hoje, com barcos fortes, é na mesma. Assim também, quando a experiência ensinar melhor e a arte de cortar nuvens chegar à perfeição, os desastres hão-de ser como agora. A perfeição das coisas dos homens, é feita de imperfeições, com licença dos senhores doutores. Rezemos. E' na oração, pela oração, que se vê e se compreende.

Em Lisboa, naquele dia, o assunto era a mudança do Ministério. Porque seria, porque não seria?! O motorista de um taxi que tomei, também me falou do caso com ares de quem sabe o que diz. *Fulano é rico, bem pudera dar o lugar a outro, mas ele quer-se mas é encher.* E' o mundo a falar. São bocas. Mais vale andar no mar alto do que nas bocas do mundo! Também eu por lá ando e mais não sou ministro.

E' possível que noutros tempos alguém quizesse o lugar. Hoje, em Portugal ou fora, não acredito. São levados. E' preciso. São simplesmente postos de sacrifício e nada mais.

A tarde daquele dia, dediquei-a aos museus. Fui ao de S. Roque. Mais perto. Menos bulício. Muito interessante. Gosto sobretudo, de andar sozinho, a ver e a ruminar. Cuidava eu que no de S. Roque, por ser da Misericórdia, se usasse de misericórdia para com os visitantes. Mas não! Lá andavam eles atrás da gente, os *detetives*. Ainda se ao menos andassem caladinhos, o mal não seria de maior. Mas falavam. *Explicavam*. Perturbavam a atenção.

Este retrato é do senhor fulano de tal. Aqueles tocheiros são de prata. E mais isto e mais aquilo e mais aquilo. Pois não lhes dei gorgêta, de bravo! Os museus, são lugares de silêncio e de meditação.

No dia seguinte, embarco às nove menos que, depois de ter comprado o meu almoço no lugar do estilo, à mulher do estilo: 4 bananas.

Ainda não encontrei em Lisboa um senhor como o do Porto. Janto, sim, quando vou, mas não almoço quando regresso. Depois do café, que custa agora 600, é meu costume ficar no restaurante a escrever, até que os creados me mandem embora prós senhores virem almoçar: *Faz-me o favor. Oigo e desando.* Pois estava eu ocupado nas minhas funções

de escritor, quando passam dois senhores dos da Assembleia. Quizeram saber se eu já não penso na colonização, em Angola, com a população das nossas casas. Penso sim senhor. Colonias de trabalho livre, em Angola, em vez de colonias de trabalhos forçados, no continente. Penso sim senhor. Menos dispendioso e mais meritório evitar o crime, do que sustentar criminosos. Penso, penso. As legiões de creanças abandonadas. O trabalho do campo, fonte de recuperação.

As terras incultas em Portugal d'além. Sim. Penso na ocupação do que é nosso com gente nossa. Com esta classe de gente, que por não ter família, facilmente faz sua a terra aonde habita. Penso.

Porque não havemos de partir os laços da rotineira, dar destino salutar aos abandonados, integrá-los, abrir-lhes as barras d'aquem e as portas d'além mar;—Porque não?! Daqui a poucos anos, tenho à minha roda muitas dezenas de rapazes na casa dos 20, afoitos, briosos, valentes. Que fazer? Que é das terras que eu tenho para eles trabalhar? Mandá-los para a rua? Carne da minha carne, sangue do meu sangue! Quem é a rua?!

Não. Não posso manda-los embora. Não quero conivências com os mais que assim fazem.

Estes rapazes ferverem. Querem ir. Teem confiança em nós. Iriam conosco para o fim do mundo. Sentem-se amados! Mas quê? Tudo se lhes fecha. Há dias, um dos meus filhos, tomou a resolução de, por si mesmo, tentar a África. *Anda rapaz. Eu ajudo no que puder.* Pois muito bem. Tantos e tais documentos lhe pediram de lá para cá e tantos de cá para lá, que o rapaz escreveu-me de Coimbra, e dizia assim:

CONTINUA NA QUARTA PAGINA

Boas Notícias

Temos o nosso consultório dentário em vias de funcionar. Vamos ter o prazer de responder muito a sério ao que os médicos afirmam, a [saber: as doenças do estomago são causadas, em parte, pelos dentes. Eu acho que aquela ciência que sabe e aponta o mal, sem se lhe dar da cura, é terrivelmente responsável. Ou ele há por aí meios práticos e eficazes de acudir à dentição da criança? Se há, retiro o advérbio mai-lo adjectivo, e regosijo-me.

Trinta contos é o custo de tudo. Já os tenho. Já mos deram. Hão-de dar-me muito mais.

O último número da revista *Os nossos filhos*, vem a comunicar que o D. Bernardo, na Inglaterra protestante, levantou, em vida e às migalhas, tres milhões e duzentos e cincoenta mil libras esterlinas. A revista não diz, mas digo eu, que hoje, na Inglaterra protestante, as caixas de esmolas das *Casas do D. Bernardo*, estão em toda a parte e enchem-se todos os dias de pequeninas moedas;—o pão de milhares de pequeninos sem família.

O mesmo número da revista fala, ainda, de um acontecimento, que vem ilustrar aquele meu atrevido *hão-de dar-me muito mais*. Diz lá que a Florence Nightingale (temos cá dois sobrinhos dela) queimou as azas, por amor, na Guerra da Crimeia, a socorrer irmãos, e que no seu regresso, os amigos da Londres protestante, lhe deram um presente de cincoenta mil libras. Gosto muito de dizer *inglaterra protestante*, pois que não falta quem cuide que os protestantes vão todos pró inferno e os católicos todos pró céu. Meus senhores e minhas ilustríssimas senhoras, não é o dinheiro que faz as obras desta natureza. Não é. E' outra coisa. Não digo a ninguém o quê, para assim obri-gar o mundo a fazer um bocadinho de meditação e ir mais devagar do que tem ido até aqui. Mais devagarinho...

A OBRA DA RUA DE COIMBRA

A exemplo dos mais anos, também neste vimos dizer duas palavras acerca do movimento e proveito do Lar do ex-Pupilo dos Reformatórios do País. A primeira, seja de agradecimento ao Senhor Ministro da Justiça e Director Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores, por amor dos Quais tem sido possível o feliz progresso da Obra. Na verdade, não fôra a confiança que aqueles Senhores em nós depositam, que pouquinho poderíamos fazer de algo que se tem feito.

População do Lar

- No dia 31 de Dezembro eram estes os rapazes:
- 1 José da Conceição Ferreira — Coimbra — Ceramico.
 - 2 José Pimenta Teles — S. Fiel — Alfaiate.
 - 3 Herlander de Freitas — Caxias — Estudante de Direito.
 - 4 João Augusto — Caxias — Empregado nos hospitais.
 - 5 Francisco Casta — S. Fiel — Carpinteiro.
 - 6 Olimpio Guedes — S. Fiel — Alfaiate.
 - 7 Carlos Migueis — Coimbra — Empregado bancario.
 - 8 António da Conceição — S. Fiel — Ceramico.
 - 9 João Alves — Caxias — Sapateiro.

- 10 Joaquim Cesar — Coimbra — Tipografo.
- 11 Filipino Martinh — Coimbra — empregado do Comércio.
- 12 José Simões — S. Fiel — Alfaiate.
- 13 Mario Santos — S. Fiel — Ceramico.
- 14 Luiz Ferraz — Coimbra — Empregado do Comércio.
- 15 António Marcos — S. Fiel — Fotografo.
- 16 Bartolomeu da Cunha — S. Fiel — Carpinteiro.
- 17 António Simões — S. Fiel — Serralheiro.
- 18 António Gouveia — V. Fernando — Carpinteiro.
- 19 Virgilio de Lima — S. Fiel — Ceramico.
- 20 José Batista — S. Fiel — Empregado dos Correios.
- 21 António Boto — Coimbra — Empregado do Comércio.
- 22 Manuel Agostinho — S. Fiel — Carpinteiro.
- 23 Eugénio Leocádio — S. Fiel — Cozinheiro.
- 24 Manuel Figueiredo — V. do Conde — Alfaiate.
- 25 Armando Ribeiro — V. do Conde — Enfermeiro.
- 26 Luciano de Matos — Coimbra — Serralheiro.
- 27 Alberto dos Reis — S. Fiel — Empregado do Comércio.
- 28 Abilio Guerra — S. Fiel — Empregado do Comércio.
- 29 Abel dos Santos — V. Fernando — Eléctricista.

CONTINUA NA SEGUNDA PAGINA

A Obra da Rua de Coimbra

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

- 30 José Benedito — Guarda — Alfaiate.
- 31 José de Carvalho — Coimbra — Alfaiate.
- 32 João Batista — Coimbra — Cozinheiro.
- 33 António da Rocha — V. Fernando — Ceramico.
- 34 Vasco Gomes — S. Fiel — Carpinteiro.

Aproveitamento moral

A nossa vida, por ser de família, em Família, concorre espontaneamente para o aperfeiçoamento dos de boa vontade. Nós não impomos, nem exigimos. Deixamos que o rapaz descubra, por si mesmo, a vantagem de viver em comunidade e este, a seu tempo e a seu modo, toma a cruz.

Há rapazes dentro do Lar que são verdadeiros amigos. Pequenininhos guias. Luz. Muitos dos que chegam, por causa destes que estão, tem tomada amor à Casa e formado boas resoluções.

Aproveitamento Escolar

O Lar dispõe de um Posto de Ensino, nocturno, para aqueles que tiverem vontade de fazer o exame de 2.º grau. Estão neste caso os pupillos José da Conceição, Francisco Costa, Olímpio Guedes, Manuel Agostinho, Luciano de Matos e o António Marcos.

Damos também, todas as facilidades aos que se querem matricular nos cursos nocturnos de Comércio e de Industria. Assim é que o Carlos Migueis, o António Maria, o Filípino, o Mário Santos, o Bartolomeu, o António Marcos, o António Boto e o Luiz Ferraz, tem experimentado, com proveito e louvor, as rudes fadigas do trabalho profissional e dos estudos. Muito merecem estes rapazes.

Finalmente, não se cortam as azas, no nosso Lar, aos que quizerem subir. O Herlander, frequente a Faculdade de Direito, tendo sido dispensado do exame de aptidão e das propinas.

Aproveitamento profissional

Não temos razão de queixa e os patrões da mesma sorte. A maioria cumpre. Ele tem havido casos que nos desgostam um bocadinho, sim, mas basta compreender a herança desta classe de mocidade, para se prosseguir, sem desanimos.

Despesas

Gastamos durante o ano a quantia de 146 contos, dos que 38 foram cobertos pela mesada dos pupillos e 108 vieram do Ministério da Justiça. Esta soma diz respeito não só à alimentação e renda de casa, mas também a salários do professor, governante, cozinheiro, creados, costureira, Medicamentos. Pequenas reparações no prédio. Mobílias. Roupas. Utensílios. Louças. — Uma casa a andar.

A necessidade de alargar, não se discute. Os rapazes afluem e nós não temos camas. Cinco deles deviam ter saído este ano, para se casarem, mas não lhes foi possível arranjar as coisas no tempo desejado. Estão ocupando camas que já pertencem a outros, sim, mas nós temos de ir condescendendo suavemente, por força das circunstâncias.

Tencionamos alargar. Há uma sala na casa, a dos recreios, a qual vamos armar em camarata, por ser pouco procurada para os jagos. Ficamos, assim, com uma lotação de 40 leitos. Podemos abrir a porta a mais rapazes, que legitima e racionalmente nos procurem.

Eleições

O nosso Lar é regido por um Maioral eleito pela Comunidade, no primeiro domingo de Janeiro, conforme riscam as constituições. O Maioral pode ser reeleito, e assim aconteceu este ano. Não o foi, contudo, sem grande disputa. Havia três partidos. Dois deles, uniram-se, de onde saiu a votação favorável ao chefe cessante, por três votos. O candidato da opposição, o Cesar, teve 13 votos. Daqui se infere o interesse que os rapazes tomam

pelo acto e o valor que êle não representa para a vida do Lar! Prendem-se. Acham-se em casa. Os que já saíram do *ninho*, por terem azas, gostam de assistir e os ausentes de Coimbra, perguntam, das terras aonde estão, quem é que foi eleito. A nossa divisa não é rotulo. *Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes*, é argumento.

Aqui se transcreve o Relatório do Lar dos Pupillos dos Reformatórios dos Paíis, tal qual foi para as mãos dos Senhores a quem a obra interessa. Pequenino para ser lido. Só o indispensável. O que vale é mas é o que os rapazes dizem da sua igualha na oficina, no escritório, nas aulas, nas ruas. Mais ainda, o que eles sentem. O valor total, está no que eles pensam. Eles são a alma da obra. Eles, o relatório vivo.

Não daria jamais o Relatório à estampa, se não fôra o ter ouvido algures, que um senhor se levantara, subira à cathedra e dissera à assembleia que a Assistencia deve ser feita totalmente pelo Estado e pela caridade não. Parece que se trata de um professor. Cientista, como soi agora dizer-se. Que mêdo não tenho eu dos Cientistas! Olha as bombas atómicas! E o pior é que os Governos os pedem e eles vão! Eu antes queria Santos!

Mas vamos ao que importa. Ficou assente na dita assembleia, que o governo da nação é que é a entidade responsável e capaz de fazer assistencia. Muito bem.

Pois saibam todos quantos lá estavam a escutar o discurso, que o governo, com a máquina formidável de verbas e de funcionários; com o poder de fazer decretos; com o privilégio de ser obedecido. O nosso Governo, que sente e reconhece a necessidade imperiosa de uma obra desatada, geme a sua impotencia e assiste ao doloroso espectáculo de ver todos os dias perdidos nas ruas, à mingua de amparo, aqueles e aquelas que saíram ontem das suas casas de educação. O nosso governo, não tem um Lar assim. Não é por falta de devoção da sua parte; é que não tem devotos que o ajudem. A não ser o senhor do discurso. Eis de como se responde à primeira tese. A segunda tese, diz que a caridade não.

Mas aonde se encontra a alma do Lar; deste Lar dos sem família; aonde, meu senhor, senão sómente na Caridade?! Aonde o segrêdo das obras de assistencia particular, senão sómente na Caridade?!

Como êste, muitos senhores pensam e dizem que a Caridade não. Hoje, ontem, sempre.

E' que nunca foram pobres. Sendo doentes, nunca de doença incurável. Em qualquer destes estados, se conhece e aprecia, mas no derradeiro é que se suspira pela caridade.

Os bem instalados na vida, em regra, não esperam vir a sofrer nenhum daqueles estados, daí — a Caridade não. Porém, perca um deles os seus bens. Caia numa cama doente. Seja a doença sem cura. A primeira desgraça que lhe sobrevém, é a ausencia dos amigos. Já não há figos...! A segunda, é a presença do funcionário da assistencia, a fazer perguntas e a encher o papel. E' a devassa. A terceira, a maior de todas, é e nunca chegar nada. E' então que Deus manda o Seu enviado para que não desespere. Aí vem a Caridade.

Senta-se à cabeceira do doente sem papel nem tinta. Não pergunta. Não fala. Vai buscar. Volta. Remexe. Allige-se. A caridade é solícita. Sem tirar as dores ao doente nem lhe modificar a situação, a palavra do enviado, pela Caridade, tira o venêdo do desespero, para ficar sómente a amargar.

Que havia de ser dos famintos de justiça, se não fôsse a Caridade! Ele é tão facil e tão dôce fazer discursos a auditórios de barriga cheia, tendo também, o orador, a sua, muito composta! Tão facil.

Muito gostava eu que me chamassem a estas assembleias! Mas não sou doutor!



Este numero de "O GAIATO" foi Visado pela Comissão de Censura do Porto.

NOTA DA QUINZENA

O povo canonisou um santo no cemitério da Conchada, em Coimbra, num dia de chuva do mês derradeiro. Lagrimas. Silencio. Reverencia. Tocava-se no caixão piedosamente. Fervorosamente. Morreu um santo. O senhor Conego Julio do Seminário de Coimbra. Dias antes, esteve à beira do seu leito, sózinho. Ele mandou-me fechar a porta. Conversamos. Cataste — bôca! Vi a Eternidade!

Paroquiou por quinze anos a freguezia de Santa Cruz de Coimbra. De uma vez, fui dar com Ele nos claustros da igreja; abatido, do que antes lhe fizeram. *Quinze anos! Quinze mistérios dolorosos!* — disse.

Saiu da sua freguezia com 6 notas de cem escudos dentro de um envelope. Era todo o seu dinheiro! Eu vi. Eu contei. Seis notas. Choramos de alegria!

A riqueza imensa que Ele amontoava na paróquia, não era da que se fecha em casas-fortes. Não é de guardar. E' de dar. Que o digam todos quantos a recebiam enquanto Ele era pastor. Que o digam todos quantos, ao depois, a receberam. E os que a hão-de receber pela vida fóra, com a leitura dos seus livros.

Quem são os grandes do mundo? Aonde os sábios?

O dia em que não visito um pobre, não me sinto padre. Ele, tardo como era em falar, algumas vezes teve aquêl desabafo. Queria ser padre. Foi Padre.

De uma vez, que se saiba, foi esbofetado à porta da Sua igreja. Mais teria sido, mas isso não se conhece. O homem que o fez, morava no mesmo prédio, andar fundeiro. Por muitos anos é amudadas vezes se encontrava com o Seu algôz. Oh! negrume! Assim se ama a Deus. *A caridade tudo esquece.* Ele usava quatro letras; quatro iniciais por debaixo do nome. Quem tiver o Seu nome escrito algures, pode verificar. S. C. N. S. *Sine caritate nihil sum.* Escrevia muitas vezes com tinta, a verdade que trazia no coração, marcada a sangue. Necessariamente sangrava, ao passar por aquêl e outros algozes.

Qualquer um homem tem inimigos. Ele não. Ele teve algozes. Tinha de os ter. O discípulo não é mais fidalgo do que o Mestre. Algumas vezes assisti. Sou testemunha de como Ele era crucificado!

Recebeu todos os Sacramentos da Igreja e mais um, que só é dado aos santos. Foi torturado com dores no leito, por muito tempo, muito tempo, muitas dores.

Depois do Senhor Conego Nogueira, também do Seminário de Coimbra, é este o segundo gigante a cair.



CRÓNICA DO LAR DO PORTO

Aos dezoito de Janeiro de mil novecentos e quarenta e sete, reuniu a Conferência dos pobres da Casa do Gaiato do Porto, com a assistencia de 18 Confrades e do auxiliar do Sr. Padre Américo. A sessão foi aberta com a leitura espiritual e prosseguida com a aprovação da acta. Em seguida foi informado o estado dos pobres. O Adriano só encontrou o homem em casa. A casa estava bastante suja. Agora já tem saúde e por isso já pode trabalhar. O Licínio visitou o seu pobre mas não lhe entregou a esmola, porque se esqueceu do dinheiro em casa. O Fernando levou a sua pobre ao Sr. Dr. Carlos Henriques que a examinou e deu-lhe um tubo para ela por na mão de 4 em 4 horas. O Manuel visitou o seu pobre e só encontrou os pequenos em casa, dos quais o mais velho ainda estava na cama. A casa estava suja. O Bernardino contou-nos que quando visita a tu pobres os pequenos lhe dizem sempre: Que é que tu queres? Ora, o Bernardino ficou autorizado a levar uma bolacha para cada um, e quando êles lhe preguntarem o mesmo êle responde: Quero te dar uma bolacha, para assim ter oportunidade de os ir educando. O Amandio contou-nos que a sua pobre caiu das escadas abaixo por não ver bem. Foram distribuidos 10\$00 a cada pobre no total de 90\$00. Foi feita uma colecta que rendeu esc. 47\$50. Visto não haver mais nada a tratar foi encerrada a sessão.

O Secretário
ANTÓNIO TELES

Uma carta

Assinaturas pagas

Acabo de ler no «O Gaiato» de 25 do cte. o artigo: «Tornei a Lisboa».

Irmãos de S. João Deus: — Como V. se dedica à caridade, deve estar bem ao corrente da obra de S. João de Deus. A Ordem foi expulsa de Portugal com o decreto de Joaquim de Aguiar e restaurada no último decénio do sec. passado, com a fundação da Casa de Saúde do Telhal (Sintra), que veio a ser a casa-mãe da província portuguesa. Mais tarde fundou-se a Casa de Saúde de Barcelos, e com as fundações nas ilhas (Madeira e Açores), a província portuguesa foi restaurada, aí por 1929.

Ultimamente os Irmãos de S. João de Deus fixaram-se em Moçambique, onde já têm três casas: Alto Molóquê (leprosos), Vila Luso e Augoche (doidos). Há muito que os Irmãos procuravam instalar-se no Brasil, onde nos tempos coloniais chegaram a ter três casas (Pernambuco, Baía e Rio). O ano passado planejou-se no Rio uma *Casa do Padre* (para clero doente e inválido), e os três Irmãos que V. viu em Sacavem, creio que no dia 9 do cte., iam tomar conta dessa casa, sob a direcção do Ir. Manuel Maria Gonçalves. Deviam ter ido em Outubro, no «Serpa Pinto», mas roeram-lhes as passagens (parece que não chegam para o *câmbio rôxo*), e como não conseguissem outra condução, tiveram de ir *assim*.

E' dum senhor do Porto, que parece ter gostado de ler uma leve referência na *Gaiato* daquele dia, aos Irmãos de S. João de Deus.

Não sei quem ele é, nem isso importa. As notícias são gratas. São construtivas. São das da marca de *O Gaiato*. Anda a gente tão ameaçado de derrocadas por esse mundo além, que rejubila necessariamente, ao saber dos humildes obreiros do Evangelho.

Os inválidos. Os doidos. Os leprosos. Membros doentes do corpo místico de Jesus. Abatê-los, como fariam os inimigos da Cruz? Não. Não senhor. Amá-los. Três casas na província de Moçambique! E' assim que se colonisa. E agora, vão para o Brasil fundar a *Casa do Padre*.

E porque não em Portugal?! A Casa do Padre inválido em Portugal, sim.

OUTRA CARTA

Tenho o prazer de enviar o resultado de uma pequena campanha junto dos meus camaradas. Falei-lhes um pouco da obra de «O Gaiato». Ficaram sabendo. Deixei depois que alguns números do jornal, cuja leitura lhes facultei, falassem, convencessem e completassem o impulso inicial. Venceram. Eis a lista dos novos assinantes:

A importância total das assinaturas segue em Vale de correio para Cête.

Não posso terminar esta carta sem agradecer o que li no último número, sob o título Doutrina. Nunca julguei possível uma coluna de jornal encerrar lição tão grande e tão elevada. Oxalá ela pudesse servir, pelo menos, a todos os portugueses. Muito obrigado!

Os novos assinantes, aos quais poderia chamar *os vencidos*, segundo a carta; os novos assinantes, digo, são todos oficiais da nossa marinha de guerra. O que escreve e manda esta carta, também o deve ser, a julgar pela forma e grafia. Um dos números, é dirigido à guarnição do navio «Mandovi». Vai para sobre a mesa do salão de estar. Que estes Rapazes façam campanhas junto de outros camaradas e assim, não erram o alvo. Não podem errar.

O simpático Moço, hoje nosso amigo, agradece a lição que vinha na *Doutrina* e admira-se de como é possível uma *coluna de jornal encerrar tão grande lição*. Não diz *do, deste*. Diz *de jornal*. Isto é, de um qualquer jornal. Quer êle dizer, que todo e qualquer jornal deve dar lições nas suas colunas. Isto também eu digo. Mas não dão. Não dão nem as aceitam. O que eu passei com os donos de jornais, antes de ter um meu, não é de dizer a ninguém! Eles são os depositários e fiéis propagadores das conveniências sociais e mais nada. Por isso mesmo a sua leitura não faz estremecer ninguém.

Estremeceram, sim, naquele tempo, os que haviam recebido instruções rigorosas de capturar Jesus.

Manuel Alves Fragão, Lisboa, 50\$; Dr. António da Cunha M. Menezes, (O hão) Lisboa, 500\$; Manuel de Lima Bastos, Micieira de Sarnes-S. João da Madeira, 25\$; Guilherme Luís Garcia da Silva, S. João da Madira, 20\$; António da Costa Chula, Macieira de Sarnes-S. João da Madeira, 10\$; António Barroso Guerreiro, S. Pedro da Cova, 50\$; Adriano Gonçalves Coimbra, Tondela, 50\$; Ilídio Casal, Oliveira do Douro, 100\$; Armando J. Martins Coelho, Porto-2 anos, 60\$; Maria de Lourdes Mendonça, Corotelo-S. Brás de Alportel, 10\$; Dr. Elísio de Matos, Linda a Pastora, 50\$; D. Maria Angélica de Paula, Martins Leitão-Idanha-a-Velha, 20\$; Visconde de Tinalhas, Tinalhas, 100\$; Maria Fernanda Porto, Tomar, 20\$; Rui Martins de Sousa Barbosa, 50\$; Joaquim Martins Barbosa, 70\$; Engenheiro Augusto Nascimento Nunes da Fonseca Júnior, 300\$; Dr. Alfredo Barata da Rocha, 50\$. Todos do Porto.

Palmira Mendes de Carvalho, Foz do Douro, 20\$; Alvaro Queirós, Foz do Douro, 50\$; Adélia de Morais e Costa, Castelo da Maia, 50\$; Henrique Dantas, Porto, 30\$; Eduardo Correia Bacêlo-2 anos Ermezinde, 40\$; Alfredo de Azevedo Magalhães, Porto, 20\$; Albertino de Matos-Secretário Geral do J. R. M. P. Coimbra, 77\$60; Horácio Rodrigues Mieiro, Sangalhos, 40\$; Maria Carlota Pyrne de Vasconcelos, Marco de Canavezes, 20\$; Caleste do Nascimento Pereira, Crastro-Ponte do Lima, 25\$; Casa do Povo de Ribatejo, Samara-Correia, 50\$; Maria Emilia Mendes Ferreira, Castelo-Ferreira do Zêzere, 70\$; Maria Amália Franco de Paiva, Vila-Nogueira de Azeitão, 20\$; Maria do Carmo Pinto, Rónio de Santa Clara-Moura, 20\$; Maria Estrêla Cunha Simões, Sangalhos-2 anos, 54\$; Amável Bizarro Soares, Porto, 50\$; Maria Madalena A. Pires de Lima, Santo Tirso, 50\$; Eugénia Amélia Cardoso, Caldas da Saúde, 20\$; Joaquim Pais Pires de Lima, Praia da Parêde, 130\$; Angelina Torres, Santa Marinha do Zêzere-Ermida, 100\$; Maria da Boa-Nova Cunha Pires de Lima, Porto-Foz do Douro, 100\$; Maria Henriqueta Pires de Lima, Porto-Foz do Douro, 25\$; Rita da Silva Castro, Porto-Foz do Douro, 25\$; Engenheiro Manuel Barata G. gliardini Graça-Lisboa-15 meses, 62\$50; Maria Emilia Pinto Antunes Mendes, Sertã, 6 meses, 12\$50; Adelino dos Santos, Sarzedas, 20\$; Abílio Chaves de Pinho, Lisboa, 50\$; António Ferreira Menino, Lisboa, 50\$; Aurélio Pinto de Azevedo, Moreira da Maia, 50\$; José Maria Simões, Lousã, 25\$; Beatriz Soares Vieira-6 meses-Braga, S. Paio de Merelim, 20\$; José Eugénio Bastos Rosa, Porto, 50\$; Dr. Manuel Alegre Marta, Coimbra, 50\$; Adelino Dias Costa, Avanca, 300\$; Manuel Rêlo, Cadima, 20\$; Menina Alcanides da Piedade Carvalho, Cadima Pontes, 20\$; Maria Apolónia Cruz Dias Neves, Tortozendo, 20\$; Fernandina Freitas da Costa, Porto,

30\$; Eduardo Ramos, 2 anos-Foz do Douro, 100\$; Abel Acácio Silva Azevedo, Porto, 25\$; John Cristiano Bessa, Póvoa de Varzim, 50\$; Albano de Andrade, Porto, 25\$; Epomina Ferreira Cardoso Isidro, Fânzeres-Gondomar, 20\$; Fernando Alves Bandeiras, 20\$; Eduardo Alcino Figueiredo Montinho, 20\$; Artur J. Martinez, 20\$; Alfredo da Costa Mesquita, 25\$; Manuel Plácido Correia de Oliveira, 50\$. Todos do Porto.

Bernardo Rodrigues Carvalho, Douro-Parada do Bispo, 30\$; José Lopes da Fonseca, Coimbra 3-meses, 10\$; Maria Helena Antunes Barroso, Niachos, 25\$; Filosofia-3.º ano, 24\$; Filosofia-2.º ano, 24\$; Filologia-1.º ano, 30\$. Todos de Olivais-Seminário de Cristo. Maria Amélia de Melo Cardoso Vaz Monteiro, Carregado, 50\$; Maria do Nascimento Melo e Castro, Covilhã, 50\$; Dr. Alfredo de Abreu Valença, Braga, 100\$; Dr. José Alves Rodrigues Dias de Castro, Seia-Pinhangos 50\$; Padre Joaquim Vicente da Costa, Vila Viçosa, 50\$; Manuel Lopes de Amorim, Entre-os-Rios, 100\$; Laurinda Amorim, Casa da Igreja-S. Miguel de Paredes, 50\$; Fausto Pereira de Carvalho, Sangalhos, 50\$; Maria das Mercês Menezes, Lisboa, 100\$; D. Mário Silva, Oliveira de Frades, 25\$; Padre José Rodrigues Oliveira, Lagares 20\$; Joaquim Rodrigues Cardoso, Mesão-Frio, 30\$; Dr. Adriano G. dinho Castelo-Branco, 250\$; Albertina Neves Estima, E-pinho, 30\$; António Policarpo da Silva, Alcanena-Vila-Moreira, 50\$; Maria Agueda Lopes Moreira, Vila-Viçosa, 50\$; Celeste Maria Coutinho Lopes, Vouzela, 150\$; António das Neves Graça Júnior, Porto, 200\$; Ana Lopes Moreira, Cete 25\$; Dr. Júlio Vieira Oliveira, Lisboa, 100\$; Maria da Conceição Freitas de Araújo, Braga, 20\$; Maria Teresa Santos, Braga, 20\$; Hermínia Palmela Duarte, Caramulo, 50\$; Creche de, Braga, 20\$; Maria Beatriz Sepúlveda Veloso, Lisboa, 40\$; Patronato da Conferência de S. Vicente de Paulo, 2-anos-Ponta do Sol-Madeira, 100\$; Joaquim Sequeira C. abrita, 100\$; Dr. Alberto Borges, 25\$; Maria das Dores Pita Macêdo, 25\$; Elisa Caitano, 50\$. Todos de Ponta do Sol-Madeira.

Gaspar Kopka de Quirós Ribeiro, Augoche-Moçambique, 320\$; Alfredo Freire de Garcia Lóbo, Gramagos-Oliveira do Hospital, 2000; D. M. da S. C., Aves-Negrelas, 30\$; Menina Maria Emilia Atonso Gomes Botão-Vale de Prazeres, 20\$; Berta Dionísio Coelho, Viseu, 100; Bernardo da Silva, Porto, 25\$; Rodrigo de Sá Alboim e Alboim, Vila Real de S. to António, 50\$; João de Faria Mesquita, Porto, 60\$; Carmen de Sabra Ferreira Neves, Aveiro, 20\$; Preciosa de Jesus Moreira Simões Maio, Aveiro, 20\$; Menina Maria Manuela Taborda Fazenda, Covilhã, 200\$; Lindropo da Costa Dinis, Carrizado de Montenegro, 20\$; António Pereira Lousada, 100\$; Luiz dos Santos Monteiro, 100\$; Ramiro Leão, 100\$; José Teixeira Nazar, 20\$; Rosa Restivo Ferreira, 50\$; Maria de Nazaré Guedes Cardoso, 50\$. Todos do Porto.

Maria Henriques Oswald, Porto, 50\$; Maria do Céu Sarmento, Foz do Douro, 20\$; Josefa Palma Pacifico, Tomar, 20\$; Vitalina Batalha da Fonseca, Tomar, 15\$; Matilde Silva Reis, Lisboa, 20\$; Anónimo, Ermezinde (2 meses), 20\$; Lanínia Barreto Neves, Alcobaca, 50\$; Camila do Carmo, Casal-Vasio-Fornos de Algôdres, 30\$; Dr. Fernando Costa e Almeida, Anadia, 50\$; Anónima, Guimarães, 40\$; Marir Elisa Guerra Pinheiro, Freixo de Espada-a Cinta, 50\$; João Maia, Coimbra (18 meses) 40\$; Dr. Bernardino Campos de Melo, Viseu, 50\$; Dr. Carlos Alberto Galvão Simões, Lisboa, 50\$; Dr. António Cabral de Almeida Henriques, Viseu (100 números) 500\$; Julieta Menezes Braga de Lencastre, Porto, 20\$; Dr. Lino Cardoso de Oliveira, Cantanhede, 100\$; António Antunes Pão, Fundão, 50\$; Angelo Adelino da Fonseca, Fundão, 50\$; Arnaldo Ferreira Gonçalves, Porto, 500\$; Freitas Valle, Porto, 20\$; Maria Olímpia da Conceição Ferreira, Lisboa, 20\$; Sebastião Assis Rodrigues, Aldeia Nova de S. Bento, 50\$; Dr. Olindo Casal Pelayo, Viana do Castelo, 50\$; Maria Helena Castelo Branco, Lisboa, 20\$; Dr. Silvério Abranches, Viseu, 100\$; Iria Pereira Marques Podesta, Viana do Alentejo, 20\$; Irene dos Santos Almeida, Lisboa, 50\$; Menina Fernanda Lança da Costa Canais, Lisboa, 50\$; Duarte Nuno Teixeira dos Prazeres, Coimbra, 25\$; Candida Monteiro Soares, Sinfaes-S. Cristovão da Nogueira, 20\$.

Maria Josefina de Araújo Lacerda Valadão, Figueiró dos Vinhos, 25\$; Maria Julia Mendes de Carvalho Vasconcelos, Parais-Tarouquela-Sinfaes, 25\$; Padre Manuel Mendes Laranjeira, Fundada-Vila-Rei, 100\$; José Pinto Teles, Enfermeiro, Coimbra, 40\$; José Carneiro Bessa, S. Braz de Alportel, 25\$; Joaquim de Oliveira Costa, Lisboa, 24\$; César Rodrigues Santiago, Professor Oficial, Viana do Bastelo, 50\$; Directora do Colégio de S. José Dr. a D. Maria Cecília Aguada de Pina-Aguada, 30\$; Elisa de Matos Almiro, Viseu, 20\$; Maria Carolina M. Alçada Arnaut, Lisboa, 50\$.

Continua.

Ainda outra carta

Nós, Universitários Católicos, que pelo exaustivo exame das Ciências e pelo profundo estudo da Religião, andamos concluindo ser Jesus Cristo a verdadeira e única luz do Mundo, encontramos nos gaiatos de Paço de Sousa essa mesma Fé e iguais sentimentos, vividos na espontaneidade característica de tudo o que é natural e naquela simplicidade imensa que é apanágio da perfeição.

Se de alguma coisa valessem as nossas apreciações diríamos que dificilmente poderemos imaginar obra mais cristã, e por isso mesmo, mais humanamente caridosa.

Esta carta é muito séria. Não é por causa da obra que ela se publica. E' mas é por amor dos leitores. Clareza. Pêso. Sinceridade. Convicção. E' fruto de um exame da Ciencia e de um estudo da Religião. A conclusão vem a seguir: Jesus Cristo, a unica luz do mundo. Nasceu nas palhas!

Viram. Escutaram. Nunca nenhum homem assim falou! E não executaram as ordens. Não prenderam o Mestre.

«Cá ficamos esperando mais dessa extraordinária «leitura que é um filme impressionante e realista. «Agradeço do coração o bem que nos faz a todos.»

Assim se estremece hoje. E' uma carta de Lisboa. E' de um leitor a pedir 5 números que lhe faltam, por os ter emprestado e se terem perdido na volta à minha mão.

Isto é a Casa do Gaiato

O Zé Eduardo, actualmente do Lar do Porto, veio na minha companhia passar um fim de semana a Paço de Sousa. E' meu desejo que os rapazes hoje no Lar, não percam o contacto da casa de onde saíram. Gosto de ver e de sentir como os de Miranda falam com saudades de Miranda e os de Paço de Sousa da mesma sorte, de Paço de Sousa. E' o segredo da vida em familia.

Pois Zé Eduardo instalou-se no comboio à minha beirinha. Se éle ia contente, eu mais! Comprou-se o jornal. Curioso como é, Zé Eduardo coze-se mais a mim e começa a catar noticias. Desportos, já se vê. O foot-ball vai à frente. Eu cá li tudo num instante. Tudo quanto os jornais trazem que mereça ser lido. Passei o noticiario e Zé Eduardo leu. Leu quanto quiz, como quiz. Não sei o que o rapaz por lá descobriu que, a certa altura da viagem, atrai-me esta pergunta: *P'ra que banda fica o Polo Norte?* Eu calei-me. A gente tem sempre vergonha de dizer que não sabe. Ele continua: *Como é lá? Há lá bichos?*

—Oh rapaz. Tira os pacotes da réde. Anda depressa que a estação é já a seguir.

Não era nada assim. Estavamos ainda longe de Cete. Eu é que não sabia como havia de responder,—e tenho pena. Gostaria de satisfazer a honesta curiosidade destes meus filhos. Eles cuidam que eu sei tudo de tudo. Não acreditam que eu ignore nada de nada. Porquê? Porque dou pão. Porque procuro o pão que eles comem.

Reconheço. Sinto esta ascendencia sobre cada um deles, e aproveito-a ensinando lhes o Mandamento do Mestre, na certeza de ser escutado e acreditado:—Que amem. Que se amem uns aos outros. Isto é a Sciencia. Isto basta.

ESTAVAMOS ontem à mesa, à hora do jantar. Cento e cinquenta bocas a rilhar. Há o barulho surdo inevitavel, de sempre. Nisto, silenciomagno. Reparei. Que teria sido, disse com os meus botões.

De onde estava, levanto os olhos e vejo ao fundo, à porta de en-

trada, uma mulher. Sem pedir licença, passa por entre as mesas, muitas mesas, e vem direitinha à dos *senhores*. O silencio corta-se à faca. Todos os rapazes estão suspensos na mulher, pelos olhos.

—Que é da sepultura do meu filho? Do meu rico filho!

Era a Mãe. Mãe no superlativo. Que importa ter sido enganada e andar agora arrastada? E' a Mãe! O silencio dos rapazes à meta, assim o proclamou. Viram naquela a deles! Tem mais dois que andam por lá, mas este que morreu é que era,—porquê morreu! *Sofreu tanto o meu filhinho!* E retira-se de nós com as lagrimas a quatro. Era a Mãe. Foi vêr a campa.

MAIS duas galinhas no chôco. Vamos a vêr o que sai. Uma delas, tem 4 ovos da garnzé do *Periquito*. Matou-me o bicho do ouvido para eu pedir à *senhora* que ela não queria tais ovos debaixo da galinha. *Ande; peça à senhora, mas não diga nada que fui eu*. Acho muita graça a estas confidencias.

ONTEM estiveram cá uns *senhores* de visita. Temos sempre visitantes. A gente não arma a casa para mostrar. Somos tais quais, todos os dias e a toda a hora. Vieram visitantes, como ia dizendo. Um deles olha e pergunta. Era um rapaz sentado à beira do rádio, a escutar musica e a ler qualquer coisa.

—Quem é?
—E' um cozinheiro. E' o Constantino. E' de Coimbra

O senhor mirou, ouviu e não disse nada, nem eu lhe perguntei. Quem vier a nossa casa e não souber da nossa ordem, cuida que tudo é desordem, porquanto, da parte de tarde, encontra sempre, até à noitinha, rapazes no recreio. Campo de jogos, mata, cerca, rádio, lagos,—recreio. Porquê? E' que todos teem uma hora, mas nem todos à mesma hora. E' consoante as suas obrigações.

O Constantino quiz passar a sua ao rádio. A ouvir musica. Não importa o disco. E' a da que éle mais gostar. Serviu o jantar. Arrumou. Espanou. Lavou-se

e vai até ao salão de musica, ouvir musica! Quem era éle? Não importa. O que importa é que éle seja alguém. Se assim não fôr, doutra forma jamais será. Este e outros. Todos.

Se eu pudesse transmitir ao mundo o que me vai na alma, quando passo na sala do rádio e vejo rapazes no recreio, ocupados a ouvir musica! Rapazes destes. A escória! Gosto de os vêr procurar musica. A musica é uma beleza espiritual. A milicia celeste, entoz canticos de louvor à Magestade de Deus, sem fim. Gosto de vêr procurar hoje musica, quem ontem andava perdido. Pode ser que eles não tenham bom gosto em escolher o disco, mas isso que importa. Não é o gosto que faz o belo.

ARDINA veio ontem ao tribunal chamado pelo chefe. O *pastelão* deu com éle a roubar um molete e apitou. Ambos são refeiteiros, e muito amigos, sim,—mas negócios à parte. E' que o *pastelão* é da mesa dos *senhores*. Recebe os moletes por conta e além disso, tem de torrar dois deles, para um *senhor* que não pode fazer pão de outra maneira. Ora foi justamente ao ir buscar pão para torrar, que éle topou o *ardina* com a boca na botija. *Ardina*, à noite, em acto de comunidade, foi ao meio e narrou tal qual, éle mesmo, por si e com dizeres seus. Ouviu a sarabanda do chefe e os apupos da plebe: *anda. Torna a dizer que és de Lisboa e que os do Porto não prestam!*

Não demorou muitos dias que o *ardina* voltasse ao mesmo sitio, agora para receber um prémio. Achou uma nota de vinte entre papéis do lixo, no nosso escritório, e entregou-ma. Hoje, à principal refeição, *Ardina* almoçou comigo. Era domingo. Mesa melhorada. Foi arroz e batatas e couves, e carne e caldo e borôa do Rio Tinto e rabanadas e por fim, um calice de vinho finissimo, do que nos deram pelo natal. Era jantar de prémio. Viva o *Ardina!*

A entrada pró nosso campo de futebol é paga. Os rapazes pintam um grande cartaz a dizer coisas e pregam-no na porta. Lá vem preço e o mais. Eu cá só vejo estas coisas depois de feitas. Foi assim que eu vi o derradeiro e achei infinita graça ao que lá vinha a dizer: *os bilhetes teem revista*. Pois teem sim senhor. Alguns dos mais espertos vão pela assistencia dentro; o *seu bilhete!* Eu pasmo e deixo correr: Ora o *pastelão*, viu dois homens avançar por sobre o muro da quinta e logo concluiu do que se tratava. Pousa num instante o que levava e dirige-se aos dois, resoluto: *Bilhetes*.

—Deixa-nos passar.
—Não deixo.
—Diz que já t'os demos.
—Não posso mentir!

Os homens pagaram e o *pastelão* deixou os ir vêr o jôgo. O rebotalho a dar lições!!

POIS é verdade. Como aqui se diz algures, o *Linhas* souvou o *Magala*, e o *Pirulas* que foi acudir, também lambeu! Deu muito bom resultado a nossa experiencia. *Linhas* era o rei dos enfezados. Tudo saia da meza, e éle ficava à roda do prato de sopa. Ficava, ficava. Não comia nada. Pois bem. Cingiu-se-lhe um avental e mandou-se para a cozinha com a obrigação dos talheres. *Linhas* começa a cheirar e a lambe e a engrossar, a pontos de chegar ao que se viu. O *Magala!* Um rapaz que veio da tropa, do 15 de Tomar, e não pode com o *Linhas!* E vem o *Pirulas* e tambem come! Dois não chegam pró *Linhas!*

OUTRA do *Periquito*. Ele continua ainda na copa, de castigo, pelo que recolhe sempre mais tarde à sua casa. Pois bem. Que fez éle ontem? Que havia de fazer o *Periquito?* Chegou, olhou em redor e como visse que todos dormiam, vai-se ao despertador do chefe e atraza-o meia hora, que tanto era o tempo que ele desejaria dar à manhãzinha do dia seguinte! O que *Periquito* não

contava é que o chefe acordasse naquele momento. Pois acordou. O que se passou aqui, na aldeia por causa de mais esta *periquitice*, não cabe nas exiguas columnas do periodico!

AGORA, por *Periquito*. Que é da cadeira? A cadeira giratoria, para se lhe montar a officina de barbeiro? Que é dela? Não vejo decisões. Parece que todos estão à espera que o outro dê e o outro tambem espera que sejas tu a dar e nestas duvidas não vem a cadeira. Será assim?

ONosso professor Arlindo veio-me agora pedir para ir a Lisboa ó carnaval. Não é ó carnaval; é a noiva. A noiva reside lá. São trabalhos meus. As cartas que vão daqui. As ditas que veem de lá. Quando chega o rapaz do correio, vem sempre outro atraz dele.

—Que queres tu?
—A carta do senhor professor. Se a carta não chega, ninguém o atura naquele dia! Noiva? Oxalá ela mude de nome quanto antes, para tranquilidade de todos.

ONTEM apareceu um pequenino. Não é das ruas, é dos caminhos. Nunca viu luzes, nem electricos, nem multidões. E' flôr dos caminhos. Desgrenhado, macilento, triste. O tempo gelava. Sentei-o na cozinha à beira do fogão. Respirava dificilmente. Chamei pelo enfermeiro. Deu-lhe uma das injeções que cá temos, graças ao Director Geral das Alandegas, que quer mandar para esta casa, medicamentos apanhados na Fronteira. Senhor Director, continue.

Dai a nada, estava o pequenino entre lençois. Quem é ele? E' um anonimo. De quem são as grandes esmolas que nós aqui recebemos? De anónimos. Obra de Desconhecidos para os Ignorados. Por isso mesmo o nosso Deus o conhece! Deus é vivo!

A Caminho de Lisboa

(Continuação da primeira página)

«Pai Américo: Estou desanimado. Não sabia que era preciso tanta papelada para se ir pra Portugal.» Eu acho esta carta soberba. Simplesmente soberba! E' do Manuel Carvalho. Trabalha em Coimbra. Quer voar. E ainda ele não viu, nem suspeita da grandezza das terras para onde quer ir, porque se tal acontecesse, havia de chorar o seu degrêdo!

Uma aldeia como esta. Aldeias como esta, em terrenos adequados, facilidades de comunicação, créditos agrarios, garantia de venda dos produtos. Tudo como vem nas cartilhas das colonizações.

Sim. Penso. Nunca deixei de pensar. Se aqueles dois senhores da Assembléia, quizessem ler na dita esta passagem de *O Gaiato!* Ou se me deixassem ir lá pessoalmente dizer o que eu penso! Mas não. Sei que não. Estas coisas não são para lá. Há assuntos mais sérios a tratar na assembléia.

Os dois senhores foram-se e eu tambem; cada môcho pró seu soito. Nos corredores passavam os felizes que iam comer, conforme o tóque da campanha mai-lo pregão: 2.ª série! Nesta altura comi as 4 bananas, a pensar que é precisamente aquela a minha série, nas viagens Porto-Lisboa, quando me calha a sorte de comer. A's catorze, estava no Porto e às dezasseis em Paço de Sousa. Soube que o *Linhas* rachara a cabeça ó *Magala*. Que o *Poupu* fugira e se escondera no palheiro, pra não trabalhar. Que o *Marão* não come, de paixão por estar na jaula e que o *Nero*, não se importa de lá estar. Que os perús andam sempre à pancada, a pontos de sangrar. E mais, e mais, e mais.

Estas e outras noticias são contadas ao mesmo tempo por dezenas de relatores numa confusão harmoniosa e bela e irrequieta como eles. Tenho dito.

DIFICULDADES

Eis a cópia fiel de uma carta que se mandou à senhora Maria Rosa Pinto, creada de servir, a qual se diz tia de um dos nossos rapazes, e escreve uma carta que o quer:

«Veio aqui ter de uma vez um rapaz na companhia de uma senhora a pedir guarida e eu não o recebi. Passado tempo, voltou o rapaz sózinho, cheio de fome e de piolhos e de farrapos. «Andava a pedir. Trazia doze tostões na algebeira e uma grande infeccão nos olhos. Recebi-o. «Nesse tempo, pelo que se vê, o rapaz não tinha uma tia. Agora, porém, que o mesmo rapaz está colocado, é feliz, tem um futuro assegurado, «aparece a senhora tia com muitas dores de «barriga pelo seu menino. Pois tem o menino às «suas ordens. Vá buscá-lo».

Estes males são inevitáveis. Promanam da natureza das coisas. E' o sangue misturado com o interesse. Enquanto o rapaz é trambôlho, deixa-se estar aonde está; quando começa a dar esperanças de ser alavanca, vai-se por éle. E' uma exploração tão subtil e tão piedosa, que dificilmente se dá por ela,—mas é exploração. E' uma exploração. A tia explora o sobrinho. Se ela verdadeiramente o amasse, se ela quizesse verdadeiramente o seu bem, deixava-o ser homem. Mas não. Vai buscá-lo pelo sangue — é meu sobrinho. Com mira no interesse, — já ganha! Nos anos que andou por lá, era sobrinho, sim, mas não ganhava...! A imposturice pode pintar-se das cores que quizer, mas deixa sempre o rabo de fora.

São males inevitáveis, sim, mas podiam ser muito atenuados. Bastava, para tanto, haver um entendimento oficial entre estas casas de assistencia particular e os Juizes dos Tribunais de Menores. Sem nos tirar a accão e caracter particular, os Tribunais abrigar-nos-iam debaixo da sua alçada. Quando viesse a tia sollicita pelo seu

Cantinho dos Rapazes

Meus filhos: Chamo a vossa atenção para uma carta que eu escrevi à tia do *Despacho* e que vem publicada neste jornal debaixo do nome *Dificuldades*. Ela inculca-se como tia dêle; não sei se é nem se não. O nome tem alguma coisa de igual. Ambos assinam *Pinto*. Ele, Manuel Pinto. Ela Maria Rosa Pinto. Talvez seja tia, sim. Ora muito bem. Todos e cada um de vós procedem da mesma sorte de familia. Não quero dizer mal dos vossos parentes, quer próximos quer afastados. Mas posso e devo dizer-te que abras os olhos. Que sejas inteligente. Pertences hoje a uma obra social que é tua. Dentro dela, tens todas as vantagens e possibilidades de te fazeres um homem de bem e vires a ser, mais tarde, um amparo sério da tua familia.

Porém, meu filho, se regressas aos do teu sangue antes do tempo, é quasi certo que não serás nunca um homem, muito menos podés vir a auxiliar os que por ti chamam.

A tua familia mudou de condição? Enriqueceu pelo seu trabalho? Dá-te garantias? Vai: Eu só quero o teu bem.

Mas se a tua familia vive na mesma miséria e se é por tu teres mudado de condição que ela te vem buscar, não vás. Não vás, que voltas necessariamente para a mesma vida de miséria que tinhas antes de vir para o que é hoje teu. Olha a fome! Olha as companhias! Olha a cadeira! Tudo isto está à tua espera!

Lê este cantinho e mastiga o que éle diz de ti.

rico menino, dava-se parte ao Juiz e éle proedia. Desta sorte, ficava o rapaz livre, até à idade de por si mesmo se determinar. Era tão fácil! Seria tão bom! O oficial e o particular davam-se as mãos a bem da nação. Eu já pedi. Eu não peço só dinheiro. Já pedi, sim.